

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

OLGA TOKARCZUK

EMPÚSIO



cavalo de ferro

Todos os dias acontecem no mundo coisas que não são explicáveis pelas leis que conhecemos das coisas. Todos os dias, faladas nos momentos, esquecem, e o mesmo mistério que as trouxe as leva, convertendo-se o segredo em esquecimento. Tal é a lei do que tem que ser esquecido porque não pode ser explicado. À luz do sol continua regular o mundo visível. O alheio espreita-nos da sombra.

Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*, assinado pelo seu heterónimo Bernardo Soares



PERSONAGENS:

Mieczysław Wojnicz

ESTUDANTE DE ENGENHARIA HIDRAÚLICA DE LVIV

Longin Lukas

CATÓLICO, TRADICIONALISTA, PROFESSOR DO LICEU DE KÖNIGSBERG

August August

SOCIALISTA, HUMANISTA, ESPECIALISTA EM FILOLOGIA CLÁSSICA
E ESCRITOR DE VIENA

Walter Frommer

TEÓSOFO E CONSELHEIRO SECRETO DE BRESLAU

Thilo von Hahn

ESTUDANTE DE *BEAUX-ARTES* DE BERLIM,
ESPECIALISTA EM PINTURA PAISAGÍSTICA

Doutor Semperweiß

MÉDICO COM TENDÊNCIAS PSICANALISTAS DE WALDENBURG

Wilhelm Opitz

DONO DE UMA HOSPEDARIA PARA CAVALHEIROS EM GÖRBERSDORF,
SEU TIO SERVIU NA GUARDA SUÍÇA

Rajmund

JOVEM AJUDANTE DE OPITZ

György

FILÓSOFO DE BERLIM

E

Frau Weber e Frau Brecht

Gliceria

Herri Met de Bles

Klara Opitz, esposa de Wilhelm

Sydonia Patek

Senhora Chapéu Grande

Tomášek

Santa Emerenciana

Tuntschi

Carvoeiros

Moradores anónimos de paredes, chãos e tectos

Hospedaria para Cavalheiros

A vista é encoberta por novelos de vapor da locomotiva que, agora, vagueiam pela plataforma. É preciso espreitar debaixo deles para ver tudo e deixar-se cegar, por um instante, pelo nevoeiro cinzento, até que a visão resultante desta tentativa se torne mais nítida, penetrante e omnividente.

Só então veremos as lajes da plataforma, quadrados entre os quais despontam caules de plantinhas frágeis — um espaço que a todo o custo quer manter a ordem e a simetria.

Daqui a pouco, appear-se-á um sapato esquerdo, castanho, de couro, não muito novo, e logo a seguir outro, o direito; este parece ainda mais surrado — a biqueira está levemente desgastada e a gáspea mostra umas manchinhas mais claras em vários pontos. Os sapatos ficam indecisos por um momento, mas depois o esquerdo avança. Este movimento deixa brevemente a descoberto uma meia preta de algodão debaixo da perna das calças. A cor preta repete-se ainda no interior das abas do sobretudo de lã aberto; o dia está quente. Uma mão pequena, pálida e exangue segura uma mala de couro castanha; com o peso, as veias retesaram-se e, agora, apontam para as suas origens, algures nas entranhas da manga. Debaixo do sobretudo reluz um casaco clássico, de flanela de fraca qualidade, ademais, amarrotado em virtude da longa viagem. Vêem-se nele ínfimos pontinhos claros de sujidade inespecífica — escamas do mundo. O colarinho branco da camisa de botões

parece ter sido trocado há bem pouco tempo, pois a sua brancura é mais clara do que a brancura da própria camisa e contrasta com o tom terroso da tez do recém-chegado. Os olhos claros, as pestanas e as sobrancelhas louras fazem com que o rosto pareça adoentado. Toda a figura, no pano de fundo do céu poente intensamente vermelho, causa a impressão perturbante de ali ter chegado, àquelas montanhas melancólicas, vindo do Além.

O viajante dirige-se para a nave principal da estação ferroviária, surpreendentemente grande para aquela região montanhosa, juntamente com os outros passageiros. Distingue-se destes por caminhar devagar, até com alguma renitência, e por não ter ali ninguém que lhe dê as boas-vindas ou esteja à sua espera. Pousa a mala de viagem no chão de lajes desgastadas e calça as luvas forradas. Daí a pouco, uma das mãos, a direita, fechada como uma trompeta, elevar-se-á até à boca para receber um desfile de tosse curta e seca.

O jovem curva-se e procura no bolso um lenço. Os dedos tocam por um instante o sítio onde, no bolso, sob o tecido do sobretudo, se esconde o passaporte. Se nos concentramos um momento, vemos a caligrafia fantasiosa de um funcionário da Galícia, que cuidadosamente preencheu as rúbricas do documento: Mieczysław Wojnicz, católico, estudante do Instituto Politécnico de Lviv, nascido em 1889, olhos azuis, estatura mediana, rosto alongado, cabelo louro.

O dito Wojnicz atravessa agora a nave principal da estação ferroviária de Dittersbach, localizada perto de Waldenburg, caminha hesitante por aquele espaço alto e sombrio, onde nas cornijas mais elevadas decerto mora o eco, e sente-se intensamente observado por olhos alheios atrás das bilheteiras da sala de espera. Verifica as horas no grande relógio da sala — é tarde,

aquele era o último comboio que chegava de Breslau. Hesita um instante e, depois, dirige-se para a fachada do edifício da estação, onde logo se deixa envolver pelos braços largos da linha irregular e rasgada do horizonte montanhoso.

Estamos em meados de Setembro, mas ali, como qualquer forasteiro percebe com surpresa, o Verão já há muito passou e na terra jazem as primeiras folhas caídas. Os últimos dias devem ter sido de chuva, já que uma leve neblina ainda envolve hermeticamente a paisagem, abrindo excepção apenas para as linhas escuras dos ribeiros. Sente nos pulmões que se encontra em terras altas, o que é bom para o seu corpo atormentado pela doença. Wojnicz, estacado na escadaria da estação, observa desconfiado os seus sapatos de solas finas de couro – vai ter de pensar numas botas de Inverno. Em Lviv, ásteres e zínias ainda floresciaam, e ninguém pensava no Outono. Ali, em contrapartida, o alto horizonte tornava tudo mais escuro, enquanto as cores pareciam mais vivas, quase indecentes. Naquele instante é assaltado pela bem conhecida melancolia, própria de quem está convencido da iminência da sua morte. Sente que o mundo em seu redor é uma decoração pintada num ecrã de papel; poderia enfiar o dedo nesta paisagem monumental e fazer nela um buraco conducente ao nada. E que ele, o nada, a partir daí começaria a extravasar como uma inundação que, por fim, acabaria por o alcançar e agarrar pela garganta. Tem de abanar a cabeça para se livrar desta imagem. A imagem desfaz-se em gotículas e cai sobre as folhas. Por sorte, um veículo desengonçado que lembra uma caleche desloca-se pela estrada na sua direcção. Nela está sentado um rapaz magro e sardento com um traje estranho. Traz vestido algo semelhante a um casaco militar – cuja proveniência é difícil de identificar, pois não lembra nem a farda prussiana, o que seria compreensível naquele lugar, nem outra qualquer –, e tem ainda um bivaque militar, inclinado com fantasia sobre a cabeça.

Sem dizer uma palavra, pára em frente de Wojnicz e, balbuciando baixinho, pega na sua bagagem.

— Como estais, meu bom homem? — pergunta Wojnicz educadamente com o seu alemão da escola, mas em vão espera pela resposta; o outro tapa os olhos com o bivaque e indica-lhe com impaciência o lugar que deve ocupar na caleche.

E logo se põem em marcha. Primeiro, pelas ruas empedradas da vila e, depois, por uma estrada que os conduz, na escuridão cadente, por caminhos sinuosos entre as encostas íngremes das montanhas através da floresta. Acompanha-os o constante murmúrio do ribeiro que corre por perto, bem como o seu cheiro que tanto inquieta Wojnicz: o odor da manta morta húmida, das folhas a apodrecer, das pedras eternamente molhadas, da água. Tenta fazer ao cocheiro uma pergunta que lhe permita estabelecer contacto, por exemplo, quanto tempo dura a viagem, como o reconheceu na estação, como se chama, mas o outro nem olha para trás e permanece calado. A lanterna a gás colocada do lado direito do rapaz ilumina parcialmente o seu rosto, que de perfil lembra o focinho de um roedor montanhês, uma marmota, e Wojnicz fica a pensar que o cocheiro deve ser surdo ou descaradamente mal-educado.

Por fim, após cerca de três quartos de hora, saem da sombra da floresta e entram num vale surpreendentemente plano, uma inesperada planura entre montanhas florestadas. O céu desvanece-se, mas ainda se vê aquele pungente horizonte elevado que, para quem vem de terras baixas, chega a ser assustador.

— Görbersdorf — diz o cocheiro de repente com voz de rapaz, inesperadamente alta.

Wojnicz, porém, nada vê, nada a não ser a densa muralha da escuridão que sem cerimónia se destaca em pedaços inteiros desde as encostas das montanhas. Só depois, quando os olhos se habituam à escuridão, aparece subitamente diante

deles um viaduto, além do qual se entra na aldeia e, a seguir a ele, surge o enorme bloco de um edifício de tijolos vermelhos e, mais adiante, umas construções mais pequenas e uma rua e ainda dois lampiões a gás. O edifício de tijolo revela-se colossal, cresce a olhos vistos, e o avançar da caleche traz à tona da escuridão fileiras de janelas iluminadas. A sua luz é de um amarelo-sujo. Wojnicz não consegue desviar o olhar daquela vista inesperada e triunfal, e fica ainda a contemplá-la por muito tempo até que se afoga na escuridão como um enorme navio a vapor.

A caleche vira agora numa viela lateral estreita ao longo do ribeiro, passa por uma pequena ponte, sobre a qual as rodas produzem um ruído que faz lembrar sons de disparos. Por fim, estacam diante de um grande edifício de madeira com uma estranhíssima arquitectura que evoca uma casa de fósforos, tantas são as varandas, as sacadas e os terraços. Nas janelas brilha uma luz agradável. Sob as janelas do primeiro andar vê-se uma bela inscrição com letras góticas recortadas em chapa grossa:

Gästehaus für Herren

É com alívio que Wojnicz sai da caleche e enche os pulmões com uma forte inspiração daquele ar novo, que – dizem – cura as doenças mais graves. Talvez o faça cedo demais, pois é acometido de um ataque de tosse tão intenso que tem de se apoiar na balastrada do passadiço. E, nesta altura, ao tossir sente o frio e a viscosidade desagradável da madeira podre e a sua primeira boa impressão logo se dissipa. Não é capaz de conter as bruscas contracções do diafragma e é assaltado por um medo opressivo que lhe diz que, daí a pouco, asfixiará e este será o seu último ataque de tosse. Tenta afastar de si o pânico e, tal como o Dr. Sokołowski o aconselhara, pensar

num prado repleto de flores e no calor do Sol. Esforça-se muito, mas os olhos lacrimejam e o sangue aflui-lhe ao rosto. Tem a sensação de estar prestes a tossir a sua alma para fora.

Sente, então, um aperto no ombro – e, a seguir, um homem grisalho, alto e bem constituído estende-lhe a mão. Por entre lágrimas, Wojnicz vislumbra o seu rosto saudável e rosado.

– Bem, bem, meu senhor! Vamo-nos controlar – diz o outro com autoconfiança e um largo sorriso de tal modo que o recém-chegado, mais morto do que vivo com tanta tosse, tem vontade de o abraçar e de se deixar levar para a cama como uma criança. Oh, sim, é isso mesmo. Uma criança. Uma cama. Não sem algum embaraço, lança os braços em volta do pescoço do homem e deixa-se levar pelo corredor de entrada da casa, que cheirava a fumo de pináceas, e pela escadaria revestida com uma passadeira macia. Tudo isto evoca vagas associações com a luta livre, com desportos masculinos, em que corpos rijos se empurram um contra o outro, se esfregam um contra o outro e embatem um no outro, não para se magoarem, mas, pelo contrário, para, sob o pretexto de uma luta, demonstrarem um ao outro afecto e ternura. Entrega-se àquelas mãos fortes, deixa que o levem para o quarto no andar de cima, que o sentem na cama e lhe dispam o sobretudo e o casaco.

Wilhelm Opitz – é assim que o homem se apresenta, apontando para o seu peito com o dedo. Cobre-o com uma manta de lã e, de umas mãos que aparecem por um instante na fresta da porta, recebe uma caneca com um caldo de galinha quente e delicioso. Enquanto Mieczysław bebe o caldo com goles pequenos, Wilhelm Opitz ergue o dedo (Wojnicz apercebe-se neste momento como o dedo de Wilhelm é importante) e diz no seu alemão suave e algo cómico:

– Fui eu que escrevi ao professor Sokołowski para que o senhor fizesse uma pausa em Breslau. É uma viagem demasiado longa e cansativa. Fui eu que disse.

O caldo inunda, com um calor agradável, o corpo de Wojnicz, e o pobre coitado nem sequer sabe quando adormece. Fazemos-lhe companhia por mais um momento, escutando a sua respiração tranquila, e ficamos felizes por os seus pulmões terem serenado.

A nossa atenção é agora atraída por um fino raio de luz que, como uma lâmina, entra no quarto, vindo do corredor, e se detém no penico de porcelana debaixo da cama. Atraem-nos agora as frestas entre as tábuas de madeira do chão – e aí nos sumimos.

*

Eram quinze para as sete, quando o som de uma trombeta acordou Wojnicz, pelo que durante algum tempo não foi capaz de perceber onde estava. A melodia, tocada notoriamente fora do tom, divertiu-o e deixou-o de bom humor. Parecia-lhe conhecida, mas apenas tanto quanto as coisas simples conseguem ser geniais. Parecem ter existido sempre e existir para sempre.

Mieczysław Wojnicz era constituído por enfermidades que, melhor do que ele, as compreendia o seu pai, January Wojnicz, funcionário aposentado e proprietário de terras. O pai administrava estas enfermidades com grande perícia, seriedade e tacto, tratando do bem que lhe fora confiado, sob a forma daquele filho, com grande sentido de responsabilidade e – claro – com amor, ainda que desprovido de qualquer sentimentalismo e de todos aqueles «sentimentos mulheris» que tanto detestava.

Uma das ditas enfermidades, para cuja formação contribuiu de certa forma, era o medo exagerado que o filho tinha de ser espiado por acaso. Era por isso que o jovem Wojnicz prestava

muita atenção ao olhar alheio, verificando se este não o perseguia algures ao virar da esquina, atrás de um canto, pela janela, onde um cortinado se abriu, pelo buraco da fechadura. A cautela e a desconfiança do pai transformaram-se na obsessão do filho. Tinha a sensação de que o olhar alheio era algo pegajoso que se colava a ele como a boca mole e medonha de uma sanguessuga. Por tal razão, sempre que tinha de pernoitar nalgum quarto, observava atentamente os reposteiros das janelas, tapava o buraco da fechadura com uma bolinha de papel, verificava os eventuais buracos na parede, as frestas entre as tábuas do chão e chegava até a espreitar atrás dos quadros que estavam pendurados. Espiar não é uma coisa assim tão irreal em hospedarias e hotéis – certa vez, quando ficou com o pai num hotel em Varsóvia para ir a uma daquelas consultas médicas com um especialista, o jovem Wojnicz descobriu um buraquinho redondinho na parede, mal disfarçado com o rico padrão do papel de parede, e obviamente tapou-o com uma bolinha de miolo de pão e, quando de manhã tentou investigar para onde dava o buraquinho e quem poderia observar os hóspedes, descobriu que, atrás da parede, estavam as escadas de serviço usadas pelos empregados do hotel. E esta? Afinal, não era uma obsessão. As pessoas espreitam mesmo. Adoram fazê-lo – olhar para o outro quando este não está ciente de ser observado. Avaliar, comparar. A pessoa observada torna-se indefesa, torna-se uma vítima impotente que não está consciente de nada.

Depois de ter acordado, pôs-se logo a escrever ao pai para lhe dar notícias e o tranquilizar. Era para escrever meia dúzia de palavras simples, mas estava com dificuldade – tinha a mão dormente e fraca. Por conseguinte, concentrou toda a sua atenção na mão que pegava na ponta do lápis e o deslizava pela folha de papel creme do bloco encadernado a couro. Este movimento fascina-nos, gostamos dele. Faz-nos lembrar

as mesmas linhas sinuosas e os ornamentos em espiral que as minhocas rasgam no subsolo e o caruncho rói nos troncos das árvores. Wojnicz estava sentado na cama, encostado a duas grandes almofadas. Tinha à sua frente uma peça bem concebida – uma espécie de mesa sem pernas. A sua base era uma almofada com enchimento de grão e, desta maneira, era fácil ajeitá-la sobre os joelhos para escrever.

Primeiro, apareceram dois algarismos que formaram o «13», depois um traço e uma cruzinha «IX» e a seguir mais quatro algarismos que deram origem a «1913». Posteriormente, por entre floreados, surgiu a palavra «Görbersdorf», engrossada como em negrito, tendo o *Umlaut* recebido uma atenção especial. Seguidamente, o lápis passou a mover-se regular e firmemente pelo papel. O grafite estralejava e o papel cedia às formas arredondadas das letras.

O quarto era modesto mas confortável. As duas janelas davam para a rua e para o ribeiro que corria à frente da casa; porém, a vista era encoberta por cortinados de croché. Sob uma das janelas estava uma mesinha redonda e duas cadeiras confortáveis com os estofos algo desgastados que por pouco não pareciam poltronas – um belo recanto para, quem quisesse, fazer leituras. À esquerda da porta encontrava-se a cama de madeira com uma cabeceira lindamente ornamentada e, ao lado, o guarda-fatos. A casa de banho situava-se à direita da porta. A parede era revestida com papel de padrão às riscas, largas e azul-claras, o que fazia com que o quarto parecesse mais alto e mais espaçoso do que na realidade era. Na parede estavam penduradas gravuras de regiões exóticas: um bando de lebres e uma matilha de hienas.

Mieczysław Wojnicz descrevia brevemente em polaco as suas impressões da viagem, convertendo mil e novecentos pés em metros (o que lhe dava quase quinhentos metros) e transcreveu esses números para o esboço do mapa que ilustrava

a sua viagem de Lviv até ali. Os breves comentários referiam-se sobretudo a refeições tomadas durante o caminho. À localidade «Wrocław/Breslau» acrescentou: «Sopa de abóbora amarela; segundo prato: puré com cubinhos de toucinho frito, couve e um panado quase como a nossa febra de porco panada. Para sobremesa – farófiás com pudim de baunilha e calda de amoras silvestres – delicioso.» Por baixo, acrescentou: «Custo: cinco marcos.» Prometera ao pai que escreveria todos os dias umas palavrinhas, de preferência sobre a sua disposição, mas como no fundo não sabia o que sentia, preferia enviar para Lviv receitas ou informações geográficas.

Soou uma ligeira batida na porta e, antes que conseguisse dizer «faça o favor de entrar», uns botins de couro deslizaram pela fresta entre a ombreira e a porta, abrindo-a delicadamente, e atrás deles apareceram as pregas pretas de uma saia, as rendas de um avental e uma bandeja com o pequeno-almoço, pousada com pressa na mesinha. Os botins, as rendas e o avental desapareceram tão rapidamente como tinham aparecido, e Wojnicz, atordoado, só teve tempo de puxar a manta de lã para se cobrir e balbuciar umas palavras de saudação e agradecimento. Tinha tanta fome que só queria comer.

Daqui a pouco irá descrever no seu caderninho: ovos cozidos, dois, servidos dentro de lindos suportes de faiança e cobertos com uns gorrinhos em forma de galinha, fatias de queijo de ovelha fumado guarnecidas com salsa, uma bolinha de uma manteiga amarelíssima sobre uma folha de rábano, uma tigelinha de uma banha recendente com uma faquinha para barrar, um rabanete cortado em fatias, um cestinho de pãezinhos de diferentes tipos, brancos e escuros, um doce de damasco num recipiente de vidro, uma caneca de um espesso cacau e um jarrinho com café.

Depois do ponto final, o caderninho fechou-se com estrondo e Wojnicz comeu, deliciado, tudo o que estava na bandeja;

reconfortado com aquela refeição, levantou-se. Cobrindo as costas com a manta, arrastou os pés até à sua mala de viagem, de onde tirou o conjunto bem dobrado da sua roupa interior e, a seguir, deu início às suas abluções. E, quando secava o rosto com a toalha, impregnada do cheiro a coníferas omnipresente na hospedaria, voltou a ter vivamente diante dos olhos a imagem da sua casa na aldeia e da roupa interior, toalhas e lençóis, que no Inverno secavam no sótão para onde Gliceria os levava em alguidares, quando chovia. Voltou-lhe à memória a imagem do sótão, sempre cheio de pó, bem como a vista das janelinhas pequeninas chamadas olho-de-boi, de onde se avistavam os campos e um pequeno parque, no qual imperava o cheiro amargo das hastes putrefactas dos tomateiros, do milho, do feijão apoiado em varas. E, por obra de uma sinestesia inexplicável, esta imagem transformava-se em sensações corpóreas: a aspereza da roupa, a rigidez dos colarinhos, a angulosidade das calças acabadas de passar a ferro e o aperto do cinto duro de couro. E era precisamente ali, naquele sótão, que, sempre que podia e quando ficava sozinho e, por instantes, longe do rigor da disciplina paterna, se desnudava e se embrulhava na toalha de cetim debruada com franjas macias e sentia aquelas franjas roçar-lhe prazenteiramente a barriga das pernas e as coxas, pensando que seria maravilhoso se as pessoas pudessem andar vestidas como os Gregos antigos, com túnicas de toalhas de mesa. Mas, agora, recordando aquela toga de cetim, vestia-se e dava-se por feliz porque finalmente se sentia forte e repousado.

Somos testemunhas de como o seu corpo magro vai acumulando peças de roupa até que, por fim, a sua figura completamente diferente da do dia anterior, em que de rosto acinzentado sucumbia a ataques de tosse, se detém com a mão na maçaneta da porta e, com os olhos fechados, imagina a impressão que daria se alguém olhasse para si. Tem boa aparência — é um

homem jovem e delgado de cabelo claro e feições delicadas que enverga umas calças cinzentas às riscas de giz e uma casaca de lã castanha. Daí a pouco, abrirá decididamente a porta.

Não, não o consideramos uma obsessão, no máximo, uma hipersensibilidade inocente. As pessoas deveriam habituar-se a ser observadas.

*

Wojnicz desceu ao rés-do-chão por volta das dez horas, pois tinha exames marcados na Kurhaus, o sanatório.

Por causa das janelas pequeninas e esparsamente construídas nas paredes, a penumbra reinava em toda a casa, o que é típico da arquitectura das montanhas. Encontravam-se ali uma mesa oval coberta com uma grossa toalha estampada, um canapé e algumas cadeiras e, encostado à parede, um piano, raramente usado, o que era comprovado pelos vestígios de deda-das individuais na tampa brilhante e pelo conjunto de partituras amarelecidas. Ao lado, pendurada na parede, estava uma prateleira pequena cheia de livros sobre a região, as pistas de esqui das redondezas e os monumentos. Num grande louceiro de vidro, sobressaía a brancura de um serviço de porcelana com cenas sentimentais cor de cobalto — pastores e ovelhas.

— *Gemütlich* — sussurrou Mieczysław de si para si, contente por se ter lembrado de uma palavra alemã de que gostava particularmente. Na sua língua não havia esta palavra. Acolhedor? Agradável?

Ocorriam-lhe também as palavras do Dr. Sokołowski desde os tempos em que começara a tratá-lo e a combater a sua apatia — cada um deve agir para que a vida se torne apetitosa. Sim, «apetitoso» é uma palavra melhor do que *«gemütlich»*, pensou Wojnicz, porque se aplicava não só ao espaço mas também

a tudo o mais — à voz de outrem, à maneira de falar, de se sentar no cadeirão, de atar o lençinho ao pescoço, de dispor os biscoitos no prato. Passou um dedo pela mesa coberta com uma pelúcia macia verde-azeitona e só passado um instante reparou, assustando-se, que, no cadeirão junto à janela, estava sentado um homem magricela de fisionomia nitidamente aviária, com óculos de arame sobre o nariz proeminente. Estava envolto numa nuvem de fumo de tabaco. A mão de Wojnicz saltou da pelúcia, como se se tivesse queimado, para se esconder na outra mão, atrapalhada. O homem, igualmente embaraçado com a descoberta do seu isolamento, levantou-se e apresentou-se de modo muito formal, em alemão, com um estranho sotaque silesiano:

— Walter Frommer. De Breslau.

Wojnicz pronunciou o seu nome e apelido devagar e claramente, decerto na esperança de que o outro logo os fixasse. Falaram durante uns instantes, e Frommer informou-o de que fazia, em Görbersdorf, tratamentos regulares e que frequentava o sanatório já há três anos com intervalos. Às vezes, tinha de regressar a Breslau por algum tempo, mas aí logo piorava.

— Sabe, a cidade de Breslau fica situada à beira da água. Na Primavera, pairam sobre os prédios nuvens de mosquitos, pequenos mas incrivelmente venenosos, e as pessoas sofrem de reumatismo. No Verão é impossível sentarmo-nos num jardim e, por isso, os funcionários do Estado só lá ficam por um curto período de tempo, alguns anos, e depois vão para lugares melhores. Breslau é uma cidade de passagem. — Na sua voz, transpareceu a tristeza de quem tem pena da cidade. — É por causa desta água omnipresente que se infiltra por toda a parte... Não aguento... — disse, começando a tossir. — Está a ver, só de pensar nisto começo a tossir.

Wojnicz desviou o olhar em direcção à janela, além da qual passava justamente uma alegre comitiva que a cada instante

soltava gargalhadas. Pensou que aquelas pessoas estavam a rir em polaco, embora não soubesse explicar muito bem a sua sensação. Àquela distância, não se ouviam palavras.

– O senhor também está em vias de se mudar para a Kurhaus? – perguntou a Frommer.

Pensou que a pergunta suscitasse no rosto do interlocutor um leve sorriso, mas este levou-a a sério.

– Deus me livre – indignou-se. – Ali há gente a mais. Dali não se vê nada. Ali não se aprende nada, nem se fica a saber de nada. Viver no meio de uma multidão é pior do que viver numa prisão.

Pois bem, Wojnicz já tinha certamente opinião formada sobre Walter Frommer – um homem estranho.

Ambos eram, ao que parece, igualmente tímidos, pois durante um momento ficaram de pé diante um do outro num silêncio constrangedor, esperando cada um que o outro proferisse uma frase qualquer, convencional. Foi Wilhelm Opitz, o dono da hospedaria, que os salvou do impasse.

– Espero não estar a incomodar esta conversa animada – disse e, por um momento, Wojnicz ficou a pensar se Wilhelm não estaria a troçar deles ou se seria assim tão despistado. Mas este pegou-o pelo braço com firmeza e conduziu-o para a saída.

– Peço desculpa, mas tenho de levar o jovem até aos olhos zelosos do Dr. Semperweiß. É que o nosso hóspede chegou ontem aqui num estado deplorável.

Frommer balbuciou qualquer coisa indistintamente, voltou para o seu lugar junto à janela e sentou-se na mesma posição que anteriormente. Como se ali trabalhasse a tempo inteiro, como peça de mobiliário que deitava fumo.

– O Dr. Frommer é um pouco estranho, mas é um homem decente. Como todos na minha hospedaria – disse Wilhelm no seu dialecto cada vez mais simpático ao ouvido de Wojnicz,

quando pararam diante da escadaria da casa. — O rapaz leva-o até ao Dr. Semperweiß. Tenha cuidado com ele; não gosta de gente do Leste. De uma maneira geral, não gosta de ninguém. É uma pena que aqui não haja ninguém como o Dr. Brehmer — acrescentou, pensativo, quando ambos já se encontravam no passadiço.

Wojnicz era testemunha de como a neblina formava agora umas estranhas fitas largas e se erguia no ar como fumo.

— Por acaso conhece o Dr. Sokołowski? — perguntou Wojnicz.

O rosto de Wilhelm iluminou-se e ganhou vida.

— É claro, conheci-o em criança. Era amigo do meu pai, que trabalhava para ele. Aqui todos trabalhamos nalguma Kurhaus. Como é que ele está?

Bem, isso Wojnicz não sabia ao certo. Só sabia que trabalhava numa clínica de Varsóvia e que, de vez em quando, proferia umas palestras em Lviv. O pai levava-o a uma consulta durante uma das visitas de Sokołowski àquela cidade e era, graças a ele, que hoje ali se encontrava.

— Continua magro? — perguntou ainda Willi.

Magro? Não, nada magro. O professor Sokołowski era um homem atarracado e anafado. Porém, Wojnicz não precisou de responder àquela pergunta surpreendente porque, entre as brumas do nevoeiro, emergiu precisamente Rajmund, o cocheiro do dia anterior, um rapazola ainda adolescente que Wilhelm saudou de modo bastante peculiar, com uma leve pancadinha na cabeça. O rapaz aceitou-o como um gesto inteiramente natural e amigável.

Caminhavam agora os dois ao longo do ribeiro em direcção ao centro da aldeia, enquanto Rajmund contava qualquer coisa com entusiasmo num dialecto tão estranho que Wojnicz pouco entendeu o que o outro disse. Observava com interesse as belas casas situadas ao longo do caminho e os operários que

consertavam a catenária. Rajmund perguntou a Mieczysław se sabia o que era — a electricidade.

A seguir, cumprimentaram, inclinando a cabeça, duas senhoras de idade que trajavam umas saias largas e estavam sentadas num banco junto a uma das casas.

— Frau Weber e Frau Brecht — disse Rajmund com um sorriso irónico, mas isto Wojnicz compreendeu.

Daí a instantes, o rapaz apontou com orgulho para o sanatório do Dr. Brehmer, precisamente o edifício que Wojnicz tinha visto ontem ao final do dia e agora lhe parecia ainda mais poderoso, sobretudo porque o nevoeiro praticamente já se dissipara e algures, além do vale, lá no alto, o sol de Setembro brilhava generosamente.

Rajmund desapareceu de vista mal deixou Wojnicz no largo corredor, diante da devida porta. Mieczysław foi, então, acolhido por uma enfermeira com os olhos marcados por um inchaço vermelho. Um breve sorriso cortês pôs a descoberto, por instantes, os seus dentes grandes e amarelecidos, cuja cor combinava com o dourado deteriorado do relógio pendurado na bata com uma corrente. Acima do bolso tinha bordado o nome e apelido: Sydonia Patek.

Wojnicz teve de esperar um tempinho na sala de espera do consultório do médico, que ainda não chegara da ronda aos doentes. Assim, os seus dedos alcançaram as revistas ilustradas, ali colocadas para os pacientes, mas os seus olhos não encontraram nelas descanso; não era capaz de se concentrar na escrita gótica alemã. Para seu espanto, encontrou um jornal em polaco e a vista logo relaxou, como que por milagre, ao ver palavras escritas na sua língua materna.

Na Silésia prussiana, a um quarto de milha da fronteira checa e onze milhas a sudoeste de Wrocław, num longo vale que se estende de leste para oeste, entre Riesengebirge e Aldergebirge,

situa-se, no concelho de Waldenburg, à beira do rio Sztejna, a aldeia encantadora de Görbersdorf, famosa há várias décadas por ser uma estância climática de montanha para doentes pulmonares.

Görbersdorf está situada a 570 metros acima do nível do mar, numa faixa que as ciências médicas designam como «livre de fística». As montanhas que a circundam atingem 900 metros e protegem a aldeia e os seus sanatórios dos ventos que aqui chegam enfraquecidos; daí a amenidade do ar que reina em Görbersdorf, tão rara noutros vales.

Ficou por aqui na leitura, mas dobrou a brochura ao meio e meteu-a no bolso. Agora a sua atenção dirigia-se para um expositor de vidro, onde se encontrava um torso humano esculpido em madeira — sem cabeça, sem mãos nem pés, com o tórax e a barriga abertos para exhibir os órgãos internos, pintados com cores diferentes. Wojnicz aproximou-se da estatueta de madeira para examinar os pulmões. Eram lisos, e estavam limpos e polidos; o seu brilho provinha do verniz. Faziam lembrar as pétalas carnudas de uma flor monstruosa ou os cogumelos que crescem na casca das árvores. Como se encaixavam na perfeição no tamanho do peito, como conciliavam a sua natureza vaporosa com a disposição das costelas. Observou atentamente os pulmões, tentando espreitar para o canto pontiagudo, onde confinavam com outros órgãos de várias cores aí arrumados. Apesar de tudo, ficou desiludido; talvez estivesse à espera de algo novo, de algo que ainda não soubesse. O desvendar do mistério. A razão por que ele estava doente. E a razão por que os outros não estavam.

Quando voltou para o seu lugar, foi dominado por aquela inquietação sua conhecida, aquela irritação, que sempre culminava com a mesma reacção do organismo — suores. Ia ter de se despír e expor o seu corpo aos olhos de um estranho.

E o pânico: como esconderia do médico a sua vergonhosa enfermidade. O que teria de dizer para não aflorar todas aquelas questões para ele melindrosas. Como escapar a isso. Já o treinara tantas vezes.

Quando o médico apareceu na sala de espera, nem sequer olhou para ele – passou por ele com passo apressado, fazendo esvoaçar as pontas da bata branca, e com a mão deu sinal ao paciente para que se levantasse. Mieczysław seguiu o médico quase a correr até a um grande consultório com uma janela enorme, cheio de expositores de vidro, vários instrumentos médicos e cadeirões estranhos. Vá-se lá saber porquê, mas Wojnicz não ficou surpreendido por ver encostada à secretária do médico uma espingarda – grande, nem sequer era de caça, talvez fosse antes uma *winchester* com uma coronha lindamente polida. O médico, sem se virar para ele, mandou-o sentar-se, e assim Wojnicz sentiu-se seguro e escondido atrás da secretária como atrás de uma trincheira.

Entregou ao médico a carta de recomendação do professor Sokołowski, mas o médico só lhe lançou uma vista de olhos, nitidamente mais interessado no corpo sentado à sua frente. O jovem sentiu-se desconfortável e o motivo era o olhar com que o outro o observava. Como se não visse Mieczysław Wojnicz, paciente da longínqua Lviv, mas antes um corpo, algo objectificado e mecânico. Primeiro, afastou sem cerimónia a pálpebra inferior de Wojnicz para examinar com atenção a cor das membranas mucosas e o globo ocular. Seguidamente, esquadrinhou-o desde o queixo até às têmporas e, por fim, mandou-o despir-se até à cintura – olhou com ar crítico a caixa torácica e, com um dedo, começou a pressionar os mamilos do paciente.

– Ligeiramente aumentados, tal como os gânglios linfáticos – afirmou. – O senhor tem-nos sempre assim?

– Há vários anos – retorquiu Wojnicz, intimidado.

O médico pegou-lhe no queixo e passou o dedo pela sua barba fraca e irregular que contava dois dias. Apalpou detidamente os gânglios linfáticos e, depois, os seus dedos ousados bateram-lhe nas costas, soltando um som oco, como uma vibração vinda do subsolo. Fez tudo muito cuidadosamente, centímetro após centímetro, qual sapador em busca de uma bomba escondida. Tudo isto durou meia hora até que, por fim, o médico suspirou e mandou-o vestir-se. Somente, então, pegou na carta. E tomou a palavra, olhando por cima da armação de metal dos óculos:

– *Phthisis* – parecia que estava a assobiar. – *Tuberculosis*, tuberculose, mas hoje está em voga dizer: *Morbus Koch*. Mas tudo isto já sabe, não é, meu jovem?

Wojnicz apertou os botões da camisa e acenou afirmativamente com a cabeça.

– Mas sinceramente a doença não está muito avançada. É uma coisa pequenina, um grãozinho. «*Phthisis*» significa decomposição, sabia? – Pronunciou a palavra «*Zerfall*» com nítido prazer, carregando no erre. – Mas nós aqui sabemos lidar com a decomposição.

– Sim, com o método do Dr. Brehmer... – começou Wojnicz, mas o médico levantou-se, impaciente, e acenou levantando a mão.

– Oh, sim. Brehmer chegou à conclusão de que ir para Itália com tuberculose não fazia qualquer sentido. Só os ares da montanha conseguem verdadeiramente curar. Tal como aqui. Está a ver? – O médico aproximou-se da janela e ficou a pensar um instante. – Estamos aqui como num caldeirão – e ao dizê-lo, fez com as mãos movimentos circulares exageradamente amplos, como se quisesse consciencializar claramente o interlocutor da natureza do fenómeno. – Debaixo de nós situa-se um grande lago subterrâneo que faz com que aqui faça mais calor do que em qualquer outro lugar. O ar daqui é

rico em oxigénio, mas não há vento. A população local nunca sofreu de doenças pulmonares nem epidemias, acredita? Aqui, nunca ninguém teve doenças pulmonares. Além disso, a altitude deste lugar situa-se dentro dos limites necessários para curar doenças pulmonares, porque não acelera demasiado o trabalho do coração, tal como acontece nas povoações localizadas a mais de novecentos metros acima do nível do mar. Aqui cresce uma floresta de abetos que satura o ar de ozono e o ozono desempenha um papel crucial na renovação do sangue e de todo o organismo. A respiração só em si detém o processo de decomposição dos seus jovens pulmões. Cada respiração é curativa, veja as coisas desta forma. Imagine que com cada inspiração flui para dentro dos seus pulmões uma luz pura. — O médico olhou para Mieczysław através das lentes dos óculos, que aumentavam os seus olhos escuros de maneira perturbante. — Além disso, temos ainda outras atrações. O senhor só tem de se submeter, de se sujeitar ao regime do tratamento. Sinta-se como se estivesse na tropa.

Aproximou-se da janela e mostrou-lhe com um aceno de cabeça os pacientes que passeavam pelo jardim.

— Estes são os seus camaradas de armas.

Wojnicz deu-se subitamente conta de que não iria gostar daquele médico. Lembrou-se do bom e gentil Dr. Sokołowski.

— Isso é obvio para mim, Sr. Dr. — respondeu, puxando os punhos da camisa. — Só gostaria de saber se tenho alguma hipótese.

— Claro que tem hipótese. Caso contrário não teria vindo para cá, meu jovem. Não teria ousado vir até aqui se não sentisse que tinha hipóteses. Teria continuado doente em paz lá no Leste. A região é plana, não é?

Logo a seguir, Wojnicz ficaria a saber muitas coisas interessantes sobre o genial Dr. Brehmer, que comprara a aldeia de Görbersdorf e toda a área circundante, incluindo mais de

cem hectares de florestas e terras, para fundar o sanatório. Brehmer já há muito observara que os resultados das autópsias e dos exames feitos aos pacientes vivos, doentes de tuberculose, sempre mostraram a desproporção entre o coração e os pulmões – os pulmões destes eram sempre relativamente grandes e os corações pequenos com paredes finas, flácidas e fracas. Anteriormente ninguém prestara atenção a esta correspondência e ninguém tivera a ideia de associar esta desproporção dos órgãos da caixa torácica com a etiologia da tuberculose. Contudo, parecia óbvio que um coração pequeno e fraco levasse ao abrandamento da circulação sanguínea e, em resultado disso, à isquemia crónica dos pulmões e do epitélio pulmonar. E a consequência disto era a tuberculose. Além disso, Brehmer estudara a distribuição geográfica da ocorrência da doença, o que fortaleceu a sua convicção acerca da referida etiologia. Segundo os relatos dos viajantes, parecia haver lugares e áreas onde a tuberculose não ocorria – nas montanhas mais altas de todas as zonas climáticas, na Islândia, nas Ilhas Faroé, nas estepes do Quirguistão.

Por um lado, eram aqui decisivas as características particulares do clima das altas montanhas. Uma pressão atmosférica mais baixa fazia com que o organismo reagisse a ela com o aumento da actividade cardíaca e da pulsação, porque assim se defendia da hipoxia – isto levava à aceleração do metabolismo e ao aumento da temperatura corporal. Por outro lado, o estilo de vida e a dieta também eram importantes: muito consumo, sobretudo, de gordura, *kumis* com teor alcoólico, trabalho físico árduo.

O aumento da pulsação e da frequência cardíaca causavam o aumento do volume do músculo cardíaco, criando uma forte musculatura neste órgão; os habitantes das referidas regiões chegavam até a desenvolver amiúde hipertrofia cardíaca e, portanto, o fenómeno contrário ao dos doentes com tuberculose.

— Meu caro jovem — concluía a sua palestra o Dr. Semperweiß. — Esta é a nossa receita. Na Europa Central, a zona livre de tuberculose começa na altitude de mais ou menos quatrocentos e cinquenta metros. Acresce ainda vigilância médica que regula a dieta. Além disso, exercício ao ar livre. É a própria natureza que nos cura.

O Dr. Semperweiß pegou numa folha de papel e prescreveu as suas recomendações em pontos, comentando-as em voz alta, com uma voz já ligeiramente entediada.

— Pelo menos, seis semanas e de preferência vários meses. Caminhadas prescritas individualmente para o doente, forçosamente em trilhos com diferentes níveis de inclinação, onde haja pelo caminho bancos com pequenas distâncias entre si para não se cansar. Tratamentos moderados com água fria. E é isto que o vai ajudar. Moderação com os medicamentos. Em caso de fortes ataques de tosse, recomendo que sustenha a tosse tanto quanto possível e, quando não conseguir sustê-la, deve beber pequenos goles de água fria ou de água gaseificada com leite quente. Se começar a sangrar dos pulmões, Deus nos livre, aqui aplicamos um saquinho de gelo sobre o coração e os pulmões, e damos uma injeção de morfina. Quando se trata de fortes ataques de falta de ar e de desfalecimento, damos primeiro um forte estimulante como, por exemplo, champanhe. Sim, não tenha medo do champanhe nem do álcool, de um modo geral, se consumido em quantidades relativamente pequenas. A embriaguez é rigorosamente proibida! Em caso de febre, primeiro medimos a temperatura de duas em duas horas para confirmar a febre. A transpiração nocturna combate-se eficazmente com leite e duas ou três colherzinhas de conhaque ou de licor, consumidos ao serão. A enfermeira Sydonia Patek vai explicar e mostrar-lhe tudo.

Enquanto proferia este discurso, prescrevia o tratamento, enquanto Wojnicz se admirava da sua capacidade para fazer duas coisas ao mesmo tempo.

– Mora na hospedaria de Herr Opitz, certo? O senhor passará a vir à Kurhaus todos os dias fazer os tratamentos e o repouso, e assim que houver vaga no sanatório, dou-lhe notícias, aqui tudo é fluido. Fluido – enfatizou. – Por enquanto, a hospedaria de Herr Opitz é tão boa para a sua saúde como nós ou o sanatório do Dr. Römpler. E umas curtas caminhadas diárias darão cores ao seu rosto.

O médico levantou-se energicamente e entregou a Wojnicz a folha de papel com as recomendações. E assim acabou. Fora aceite.

Agora, sentado na sala de espera, aguardava que a feia enfermeira lhe preparasse o boletim com os tratamentos e outros documentos necessários. Tirou do bolso o folheto dobrado em quatro e terminou a leitura:

De uma maneira geral é preciso reconhecer que, em termos de terapias, até agora o tratamento mais eficaz verificou-se em estadas em localidades como Meran no Tirol, Gôrbersdorf na Silésia ou Davos na Suíça, que foi construído de acordo com o modelo de Gôrbersdorf. O sanatório do Dr. Römpler, fundado em 1875, fica quase directamente situado no sopé da montanha e é composto por um número adequado de edificios sob a forma de elegantes vivendas. A canalização com um comprimento de 1140 metros transporta do cume da montanha, em cujo sopé se situa o sanatório, uma água cristalinamente pura que jorra directamente das rochas de pórfiro para as salas dos banhos elegantemente equipadas no edificio dos chuveiros.

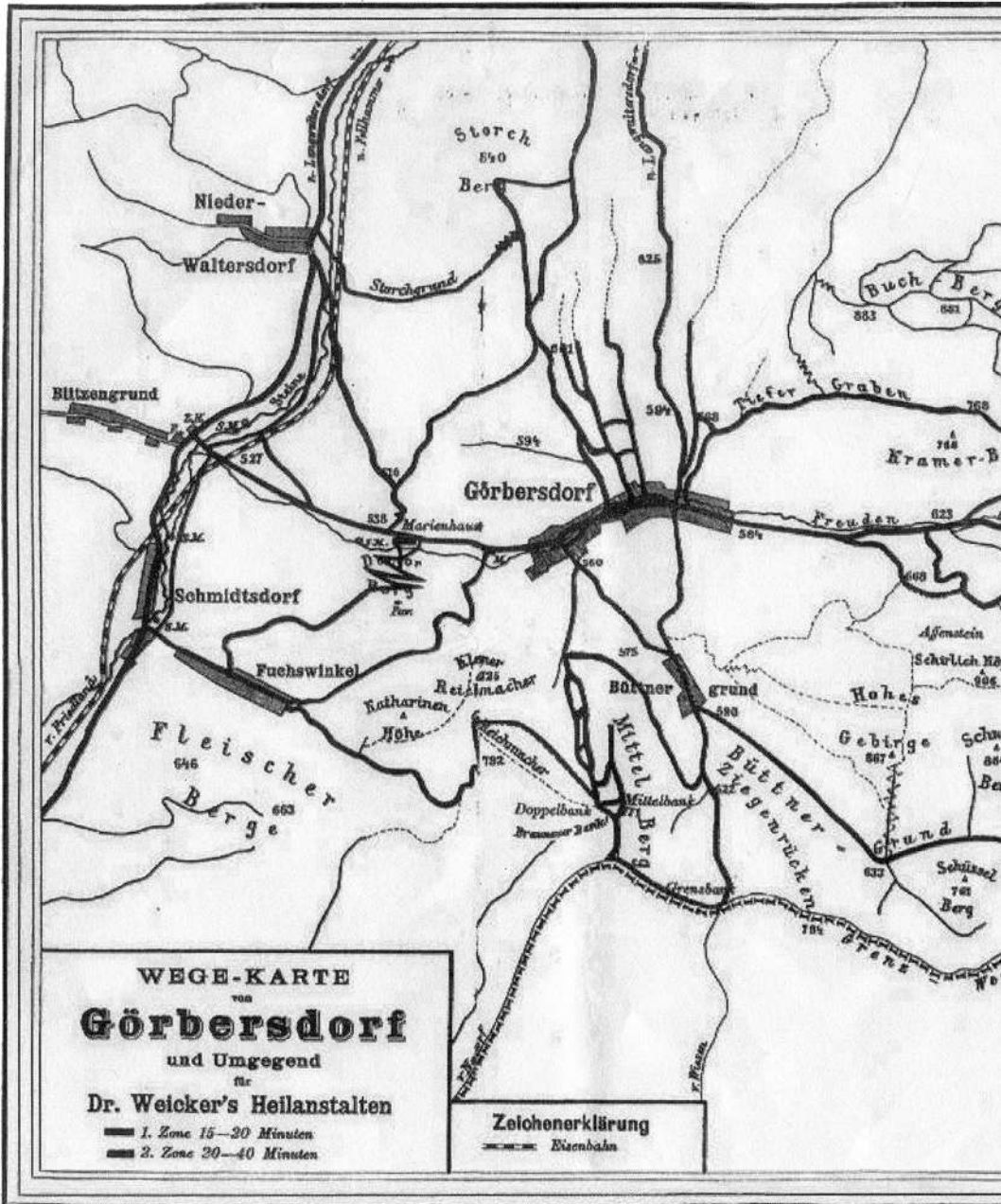
Nas aulas e nas sessões de animação também não faltam pacientes. O próprio tratamento, as refeições, etc. ocupam grande parte do dia, ao passo que as redondezas encantadoras de

Görsbersdorf dão azo a imensas excursões. A finalidade do tratamento é levar o paciente a esforçar-se por combater a doença. É preciso fazer com que se torne resistente através do fortalecimento do organismo. Desta maneira se detém o desenvolvimento da doença no seu início; seguidamente, o sofrimento diminuirá gradualmente e começa-se a recuperar a saúde. Através de uma ginástica apropriada, os pulmões afectados aprendem a funcionar adequadamente, enquanto os ares frescos da montanha estimulam as funções cardíacas. Os resultados dos tratamentos feitos em Görsbersdorf contam-se entre os mais bem-sucedidos. Quase 75% dos pacientes recupera a saúde.

Seria maravilhoso acreditar que faz parte desses setenta e cinco por cento.

2 Schwärmerei

Wojnicz regressava à hospedaria com um caderno pequeno, no qual doravante escreverá a história do seu tratamento, e refletia no que o Dr. Semperweiß lhe dissera. O mais importante no tratamento é o regime de vida. Levantar-se cedo, muito cedo, pela manhã. Medir a temperatura. Anotar no caderninho. Antes do pequeno-almoço, que se toma entre as sete e as oito horas, é obrigatório fazer ginástica e, depois do pequeno-almoço, fazer uma caminhada e, pelo caminho, eventualmente tomar um banho com o método do padre Kneipp e fazer os tratamentos. As caminhadas eram por trilhos previamente traçados. O segundo pequeno-almoço era às dez horas, sempre pão fresco com manteiga e leite. Repouso num dos muitos terraços. O almoço entre as doze e trinta e as treze e trinta (sopa com carne, um alimentício prato de carne com legumes e, depois, sobremesa e calda de fruta; aos domingos, em vez de calda de fruta, servia-se algo doce, bolo ou uma sobremesa à base de farinha). Depois do almoço, o indispensável café no jardim de inverno ou nos pavilhões. De novo, repouso, mais uma caminhada, sendo que o percurso da tarde tinha de ser diferente do anterior. O lanche era por volta das dezasseis, dezasseis e trinta, e o jantar às dezanove horas – carne servida quente com batatas e a acompanhar um imprescindível copo de leite. Ao entardecer, termómetro outra vez e, no caderninho, umas frases sobre o estado de espírito e de saúde.



Dormir muito. Nenhuma excitação. Boa comida alimentícia. Muita carne, leite e queijo de ovelha. Wojnicz decidiu tomar o pequeno-almoço e o almoço na Kurhaus, e jantar na Hospedaria para Cavalheiros. Assim lho tinham aconselhado. Quando se mudar para a Kurhaus, passará a fazer aí as restantes refeições. Os hóspedes são chamados para as refeições por meio de um toque de trombeta.

A excitação e a boa vontade enchiam Wojnicz daquela espécie de euforia que ocorre quando algo novo tem início, algo que anuncia irreversivelmente um novo começo, em que o homem corta com o seu antigo ser e deixa cair no esquecimento aquilo que foi. Agora, até mesmo o severo e irónico Semperweiß lhe parecia um arauto da mudança.

Enquanto caminhava, tentava recordar a disposição das casas e das outras hospedarias. Inspeccionou o edifício algo bizarro do Observatório Astronómico, onde o Dr. Brehmer supostamente estudava a influência do cosmo e do tempo no tratamento da tuberculose. Depois, chegou ao poderoso edifício da Villa Rosa, deu meia-volta e regressou.

Brilhava o sol pleno e dourado de Setembro. Mieczysław Wojnicz pousava os pés propositadamente no meio de grandes pedras lisas que revestiam o caminho.

As duas idosas continuavam sentadas no banco, em frente à sua casa, e, em silêncio, debulhavam favas, quebrando a vagem seca que estalava. Uma das favas, de repente, saltou de uma das mãos engelhadas e aterrou mesmo à frente do seu sapato. Pegou nela com cautela entre dois dedos e queria devolvê-la às donas, mas elas, por motivos insondáveis, levantaram-se subitamente do banco, pegaram nas tigelas e cestas, e desapareceram de vista pela casa adentro. Só as suas saias pretas brilhantes cintilaram à luz do Sol. Pois bem, não aconteceu nada. Wojnicz esfregou a fava acastanhada na manga

e esta pareceu-lhe perfeita. Atirou-a ao ar e apanhou-a. Sem saber o que fazer com ela, guardou-a no bolso.

A porta da hospedaria estava escancarada, o que o surpreendeu, e, logo a seguir, viu caído por terra um livrinho de orações, atirado mesmo para o meio de uma poça. As páginas beges já começavam a ficar ensopadas de água suja. Pegou no livro de orações e entrou na hospedaria cheio de uma súbita inquietação.

No salão do piso térreo não havia ninguém – provavelmente todos os hóspedes da hospedaria ainda estavam nos tratamentos. Pousou o livrinho sujo de lama numa mesinha e já se dirigia para os pisos superiores, quando a porta entreaberta da sala de jantar captou a sua atenção e, atrás dela, uns botins que lhe pareceram familiares – sobre a mesa. Sem pensar, como que hipnotizado, aproximou-se da porta e empurrou-a para examinar tudo de perto.

As botas eram a parte inferior de uma embalagem comprida de forma imprecisa que acabou por se revelar um corpo humano. Jazia na sala de jantar, sobre a mesa, onde se consumiam as refeições. Parecia estar bem embrulhada com rolos de tecido – Wojnicz teve a impressão de estar vestido com inúmeras saias, blusas, corpetes, xailes. Wojnicz nunca tinha visto uma mulher tão perto e tão inerte, elas andavam sempre de um lado para o outro, em movimento. Era impossível concentrar nelas a atenção e observar todos os pormenores. Agora, porém, tinha um desses corpos diante de si e este era sem dúvida um cadáver. Observou os botins pretos de atacadores que saíam debaixo de saias e saiotes. Estes últimos eram debruados com bordados, mas as rendas já estavam desgastadas de tanta lavagem e desfiavam-se ligeiramente nas pontas. Os atacadores dos botins estavam zelosamente atados com um laço duplo – é estranho que uma pessoa que, na parte da tarde, já não está viva tenha ainda, naquela manhã, atado

os botins com tanto esmero. A superfície da saia confeccionada com um tecido levemente cintilante de tiras estreitas pretas e cinzentas apresentava-se alinhada. Mais acima, havia algo parecido com um colete justo de um tecido escuro quase preto, apertado com botões redondos, tal como os das batinas dos padres polacos. Debaixo desta roupa saía uma camisa branca, bastante desalinhada, com um botão arrancado, do qual já só restava a linha, com o colarinho puxado quase até ao queixo, mas tão mal arranjado que Mieczysław divisou no pescoço a marca de um traço vermelho-azulado que chocava com o fundo daquela pele branca.

Por fim, teve de o fazer – olhar mais para cima, para o rosto. Foi com horror que viu uns olhos semiabertos e, sob as finas pestanas, uma tirinha do globo ocular brilhante. A cabeça torcida estava virada na sua direcção, como se quisesse confessar algo. Nos lábios finos e já algo arroxeados reparou na réstia de um sorriso, o que lhe pareceu completamente despropositado, como se fosse uma ironia. Debaixo do lábio superior sobressaíam as pontas dos dentes, inteiramente secas. E mais – o rosto estava coberto por uma penugem clara como felpa.

Ali ficou petrificado, quase sem respirar.

Na verdade, reconheceu imediatamente que se tratava da mulher que de manhã lhe levara o pequeno-almoço. Naquela altura, apenas fixara o botim que empurrara a porta. E as formas generosas, apertadas com um corpete. Nada mais. Somente agora, depois de ter morrido, era possível observar aquela mulher na sua totalidade.

– Enforcou-se – disse Willi Opitz, postado à porta.

Wojnicz estremeceu, assustado ao ouvir a voz profunda e sonora do hospedeiro. Opitz fizera o anúncio no tom de quem revela uma negligência repreensível, um acontecimento inaceitável. Ainda assim, tinha a voz trémula.

– Não se enerve. Daqui a pouco chega o pessoal da morgue e levam o corpo. Rajmund já os foi chamar.

Wojnicz não sabia o que dizer. Ficou com a língua seca como serradura e sentiu um aperto na garganta.

– Quando é que isto aconteceu? – perguntou apenas.

– Quando? Agora, bem, há uma hora. Fui ter com ela, lá acima, porque não descera para receber os legumes do fornecedor. Estava pendurada. Cortei a corda. Vai para o teu quarto, meu rapaz. Oh, chegou o pessoal da morgue.

– Trouxe-me hoje de manhã o pequeno-almoço – disse Wojnicz e, sem querer, deixou transparecer comoção na sua voz. – Era sua criada, não era?

– Oh, não. Era a minha mulher.

Opitz acenou com a mão como quem enxota uma vespa para longe de si e abriu a porta aos lúgubres funcionários da morgue que começaram a entender-se com Opitz num dialecto sussurrado. Mieczysław afastou-se da sala de jantar e, enquanto subia as escadas apressado, ouvia as suas vozes abafadas, sem compreender o que diziam. Toda a conversa quis-lhe parecer um balbucio de pessoas que não precisam de palavras para se entenderem.

*

Wojnicz sentou-se no cadeirão cor de ferrugem, adornado com uma renda na cabeceira. Estava em choque. É estranho que não tivesse pensado que o simpático Willi Opitz fosse casado. Deveria saber que normalmente os homens costumam ter mulheres que, embora na sombra, apoiam os negócios de família na cozinha ou na lavandaria. Preocupado que estava consigo mesmo, com a sua chegada e a sua doença, nem sequer reparara nela. E agora estava morta.

Subitamente foi inundado por uma onda de recordações, porque aquela mulher morta lhe lembrava de alguma maneira a sua ama. Na sua memória, a imagem dela já era quase invisível, morava aí como figura esbatida de contornos indistintos, sempre velada por algo, desfocada, em movimento, distendida numa faixa. Ao brincar com ela, via as suas mãos e nelas a pele enrugada. Pegava nessa pele entre dois dos seus dedos pequeninos, fingindo ser um ganso (era assim que se chamava quando a beliscava) e, desta maneira, ia alisando a sua pele até que ficasse quase nova. Chegava até a fantasiar que se conseguisse esticar Glicería inteira (este nome esquisito era então bastante popular entre as camponesas dos arredores de Lviv) e trabalhar sobre a sua forma exterior, talvez pudesse salvar a ama da velhice. Mas não o conseguiu. Glicería sempre fora velha e estava destinada a envelhecer ainda mais. Foi-se embora, porque lhe era cada vez mais difícil cumprir os deveres — lavar, cozinhar, passar a ferro e fazer limpezas —, quando Mieczysław fez sete anos e chegou à idade escolar. Aliás, o pai decidiu que já não precisava dela e que iria substituí-la pelo internato. Mandou-o para uma escola com internato, tendo acordado um conjunto de condições com o director, o Sr. Szuman. Infelizmente, o jovem, a quem o pai e o tio paterno, naquela altura, chamavam Mieczys, não frequentou a dita instituição por muito tempo, em virtude de motivos que o pai mais tarde descreveu aos conhecidos como «sensibilidade» e «certa inadaptação», o que para o rapaz era uma verdadeira humilhação e para o pai uma tentativa desesperada de encontrar sentido para toda aquela situação decepcionante.

Tal como diz o antigo ditado: «Há males que vêm por bem.» Mieczys passou a estudar em casa com um professor contratado sem termo, com um, dois e três, o que custou ao pai muito dinheiro e muitos nervos, já que os professores pertenciam à

Setembro de 1913. Mieczysław Wojnicz, estudante de Engenharia de Lviv, chega à cidade termal de Görbersdorf, na Baixa Silésia, sede de um dos mais famosos sanatórios da Europa e do mundo. É aqui, no sopé das montanhas, beneficiando de métodos inovadores, que espera travar a progressão da sua tuberculose. Na Hospedaria para Cavalheiros onde reside, doentes oriundos de Viena, Königsberg, Breslau e Berlim juntam-se ao serão para tomar um cálice do retemperante licor Schwärmerei e filosofar sobre a natureza do mundo e de Deus, a política, ou o papel das mulheres. Contudo, não são só as grandes polémicas intelectuais da época que ocupam a mente destes homens. Há notícias de corpos sem vida encontrados mutilados na floresta circundante, dando a ideia de que forças obscuras estão à espreita, escolhendo o seu próximo alvo.

Livro que marca o regresso de Olga Tokarczuk ao romance após a atribuição do Prémio Nobel de Literatura em 2019, *Empúsio* — amálgama linguística de *Empusa*, figura mitológica grega, e *Simpósio* — pode ser lido como um diálogo com a grande tradição literária europeia e os seus dogmas, em particular com *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, apresentando um protagonista que se revela símbolo de resistência e de anseio por um mundo radicalmente diferente.

«Uma entre os poucos assinaláveis romancistas europeus
a surgirem neste século.»

The Economist



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[cavalodeferro](#)

[penguinlivros](#)

ISBN 9789897872105



9 789897 872105 >